### A estratégia do Irã

Por **PEPE ESCOBAR***

*A emergência da República Islâmica do Irã como grande potência regional da Ásia Ocidental e da Eurásia*

O parlamento do Irã aprovou recentemente a adesão da República Islâmica à Organização de Cooperação de Xangai (SCO), previamente anunciada, em setembro passado na reunião de cúpula de Samarkand, culminando assim um processo que durou nada menos que 15 anos.

O Irã já se inscreveu para tornar-se membro dos BRICS+, bloco em processo de expansão, e que, antes mesmo de 2025, inevitavelmente se configurará como a alternativa ao G20, para aquele Sul Global que realmente importa. O Irã está aprofundando sua parceria estratégica com a China e a Rússia, e aumentando a cooperação bilateral com a Índia.

O Irã é um parceiro chinês chave nas Novas Rotas da Seda, ou Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI). O país deve também fechar um acordo de livre comércio com a União Econômica da Eurásia (EAEU), além de apresentar-se como um nó-chave do Corredor Internacional de Transporte Norte-Sul (INSTC), ao lado da Rússia e da Índia.

Todo o acima dito configura a rápida emergência da República Islâmica do Irã como grande potência regional da Ásia Ocidental e da Eurásia, com vasta abrangência para todo o Sul Global.

Isso deixa na poeira todo um conjunto de "políticas" imperiais orientadas para Teerã. Assim, não é de admirar que os fios de iranofobia anteriormente amealhados — e cevados pelo Império ao longo de quatro décadas — tenham se metastizado recentemente em mais uma ofensiva de revolução colorida, integralmente apoiada e disseminada pela mídia anglo-americana.

A cartilha é sempre a mesma. O líder da Revolução Islâmica, o aiatolá Sayed Ali Khamenei, chegou a uma definição concisa. O problema não são os bandos de desordeiros e/ou mercenários obtusos; "o principal confronto" – disse – é com a "hegemonia global".

Em certa medida, o aiatolá Sayed Ali Khamenei acabou reverberado pelo intelectual norte-americano Noam Chomsky, que observou como, em lugar de apoiar os protestos, as sanções norte-americanas ao longo de quatro décadas "aprofundam o sofrimento", ao prejudicarem gravemente a economia iraniana.

## Usando os curdos como item descartável

A mais recente tentativa em curso de uma revolução colorida se sobrepõe à manipulação dos curdos na Síria e no Iraque. Do ponto de vista imperial, a guerra por procuração na Síria – que está longe de terminar – não funciona apenas como uma frente adicional na luta contra a Rússia, mas permite também a instrumentalização, contra o Irã e a Turquia, dos curdos altamente dependentes.

Atualmente, o Irã está sendo atacado em conformidade com uma variação perversa do esquema aplicado à Síria em 2011. Algo como uma situação de "protesto permanente" acabou sendo implantada em vastas áreas do noroeste do Irã. O que mudou em meados de novembro é que gangues armadas começaram a aplicar táticas terroristas em várias cidades perto da fronteira iraquiana, e acreditava-se que estariam armadas o suficiente para assumir o controle de algumas das cidades.


© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

Irremediavelmente, Teerã teve que enviar tropas do IRGC (Guarda Revolucionária) para conter a situação e reforçar a segurança nas fronteiras. Elas se engajaram em operações semelhantes às que já haviam sido feitas em Dara'a, no sudoeste da Síria. A intervenção militar foi bastante eficaz. Mas em algumas latitudes, gangues terroristas continuam a atacar a infraestrutura do governo e até mesmo a propriedade civil. O fato chave é que Teerã prefere não reprimir essas manifestações indisciplinadas usando força letal.

A questão de fato crítica não são os protestos em si; é a transferência de armas pelos curdos do Iraque para os curdos do Irã, para reforçar o cenário da revolução colorida. Teerã emitiu um ultimato de fato a Bagdá: aja junto com os curdos e faça-os entender as linhas vermelhas.

Tal como está, o Irã seguirá empregando massivamente mísseis balísticos Fateh e drones kamikazes Shahed-131 e Shahed-136 contra bases curdas mapeadas no norte do Iraque. É discutível se isso será suficiente para controlar a situação. O que está claro é que a "carta curda", se não domada, poderia ser facilmente jogada pelos suspeitos de sempre em outras províncias iranianas, considerando o sólido apoio financeiro, militar e informativo oferecido pelos curdos iraquianos aos curdos iranianos.

A Turquia enfrenta um problema bastante semelhante com os curdos sírios instrumentalizados pelos Estados Unidos. No norte da Síria, trata-se principalmente gangues armadas que se apresentam como "curdos". Portanto, é bem possível que essas gangues armadas, essencialmente reconhecidas por Washington como idiotas úteis, acabem sendo dizimadas, simultaneamente, a curto e médio prazo, tanto por Ancara quanto por Teerã.

## Se tudo falhar, reze pela mudança de regime

Um divisor de águas geopolítico que até recentemente parecia impensável pode em breve entrar no jogo: uma reunião de alto nível, na Rússia, entre o presidente turco Recep Erdogan e seu homólogo sírio Bashar al-Assad (lembram-se do refrão de uma década atrás "Assad deve sair"?), com mediação de ninguém menos que o presidente russo Vladimir Putin.

O que seria necessário para os curdos entenderem que nenhum Estado – seja o Irã, a Síria ou a Turquia – lhes oferecerá terras para sua própria nação? Os parâmetros podem ainda eventualmente mudar, caso os iraquianos consigam finalmente expulsar os Estados Unidos.

Antes de chegarmos lá, o fato é que o Irã já terá virado a geopolítica da Ásia Ocidental de cabeça para baixo, seja por meio de seus mísseis de cruzeiro inteligentes e drones kamikazes extremamente eficazes, seja através da guerra eletrônica ou mesmo de mísseis hipersônicos de última geração.

Os "planejadores" do Império nunca previram isso: uma parceria estratégica Rússia-Irã que, geoeconomicamente, não só faz todo o sentido, como também acaba sendo um multiplicador de força militar.

Além disso, o Irá está inserido no iminente Grande Quadro no qual o BRICS+ expandido parece vir se concentrando: a integração da Eurásia (e além) por meio de corredores econômicos multimodais, como o INTSC (Corredor Internacional de Transporte Norte-Sul), dutos e ferrovias de alta velocidade.

O Plano A do Império a respeito do Irã era um mero acordo nuclear (JCPOA), concebido pelo governo de Barack Obama como nada mais que um esquema grosseiro de contenção. Donald Trump realmente explodiu tudo... e não sobrou nada. Um renascimento do JCPOA, que foi, em teoria, tentado por meses em Viena, estava fadado a ser um fracasso, porque os próprios norte-americanos não sabem mais o que podem querer dele.

Então, o que resta como Plano B para os psicopatas neocons/liberais straussianos, encarregados da política externa dos Estados Unidos, é lançar todo o tipo de bandidos – dos curdos ao tóxico MEK (Organização Mujahidin do Irã) – no caldeirão do Irã e, amplificados 24 horas por dia, 7 dias por semana pela mídia empresarial histérica do Ocidente, rezar por uma mudança de regime.

Bom, isso não vai acontecer. Teerã só precisa esperar, exercer moderação e observar como a retórica "virtuosa" de uma revolução colorida vai acabar malograda.

*__Pepe Escobar__ *é jornalista. Autor, entre outros livros, de* Empire of Chaos (*Nimble Books*).


© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

Tradução: **Ricardo Cavalcanti-Schiel**.

Publicado originalmente em PressTV.

**O site *A Terra é Redonda* existe graças aos nossos leitores e apoiadores. Ajude-nos a manter esta ideia.**
**Clique aqui e veja como**

A Terra é Redonda


© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.